

## **A EXPERIÊNCIA DE SI E A FORMAÇÃO DOCENTE.**

Simone Alves Costa

Instituto de Artes – UNESP

Eixo temático: Projetos e Práticas na Formação de Professores

Na área da educação e da arte educação, as pesquisas que tem como objeto de análise as experiências narradas pelo pesquisador vem crescendo cada vez mais e tomando seu espaço. Autores como Marie-Christine Josso e Jorge Larrosa se debruçaram sobre o assunto das narrativas pessoais e da experiência como autoconhecimento, transformação e formação docente. Mas o que faz a narrativa de uma experiência, bem como sua análise, tornar-se pesquisa?

Através do trabalho que desenvolvi, cujo objeto de análise foram minhas experiências como professora de teatro, é possível apontar o que torna a experiência de si formação e pesquisa.

O trabalho ao qual me refiro teve como objetivo descrever e pensar minha experiência como professora de Teatro do Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano) no ano de 2007, vislumbrando os conteúdos a serem trabalhados nessa disciplina sob a visão epistemológica do ensino do teatro, ou seja, o teatro como conhecimento. No compromisso de pensar a experiência, propus-me a problematizar alguns aspectos: os conteúdos da linguagem teatral; identificar e analisar as referências teóricas para a experiência; observar a atitude dos alunos em relação à linguagem cênica e refletir sobre o ensino e aprendizagem desta linguagem.

Como é possível observar, o ato de narrar-se faz parte de uma etapa da pesquisa. Este ato em si já se configura como uma experiência transformadora e por mais paradoxal que pareça, uma experiência inenarrável. Apesar do narrar-se ser fundamental e importante para a formação, este ato não encerra em si o que acredito ser uma pesquisa. São necessários outros encaminhamentos. É a partir do narrar-se que podemos analisar as referências teóricas, as atitudes dos envolvidos no processo, a estrutura escolar, as situações de conflitos e contradições, as lacunas entre os discursos e as ações, bem como os demais aspectos que envolveram a experiência.

Anterior ao ato de narrar-se, o sujeito precisa definir qual experiência contar, o que, da experiência que escolheu, é possível analisar e resultar em conhecimento. O que afinal é uma experiência? Qual a definição da palavra experiência?

O primeiro autor que me fez debruçar sobre esta palavra foi John Dewey. Em seus textos, experiência está rodeada de outras palavras: ação, pensamento, idéia, padecimento, relação, sujeito, objeto, emoção, intelecto, arte, estética, corpo, espírito, além de ser acompanhada por *a* ou *uma* experiência quando pretende defini-la.

Em seu texto *Experiência e pensamento* do livro *Democracia e Educação*, Dewey inicia o assunto afirmando que a natureza da experiência encerra em si um elemento ativo e outro passivo.

Em seu aspecto ativo, a experiência é tentativa – significação que se torna manifesta nos termos experimento, experimentação que lhe são associados. No aspecto passivo, ela é sofrimento, passar por alguma coisa. Quando experimentamos alguma coisa, agimos sobre ela, fazemos alguma coisa com ela; em seguida sofremos ou sentimos as conseqüências. (DEWEY, 1959, p. 152)

Para Dewey o que caracteriza uma experiência é a descoberta das relações entre o ato e o que acontece em conseqüência dele. Ele denomina esta experiência como reflexiva por excelência. A partir dessa definição, Dewey afirma que o ato de pensar é uma experiência característica, pois segundo ele “pensar é o esforço intencional para descobrir as relações específicas entre uma coisa que fazemos e a conseqüência que resulta, de modo a haver continuidade entre ambas.” (DEWEY, 1959, p. 159)

Ao discorrer sobre a reflexão na experiência Dewey afirma que “o pensamento ou a reflexão (...) é o discernimento da relação entre aquilo que tentamos fazer e o que sucede em conseqüência. Sem algum elemento intelectual não é possível nenhuma experiência significativa.” (DEWEY, 1959, p. 158).

O autor faz uma crítica em relação ao método de experiência e erro, ou tentativa e erro, pois acredita que este método é limitado e fica à mercê das circunstâncias. Ele ressalta que neste método é ignorada a maneira como os elementos se associam, que para ele ao “(...) ver com justeza o que existe entre as duas coisas, de modo a ligar a causa ao efeito, a atividade e a conseqüência (...) torna a previsão mais completa e compreensiva.” (DEWEY, 1959, p. 158). Vemos nessa citação que Dewey coloca uma

necessidade de previsão do que pode acontecer, e mais adiante de domínio e controle, quando defende o método de analisar como as coisas se associam.

Este método amplia nosso domínio sobre as coisas; pois, se faltar alguma das condições, poderemos, desde que saibamos quais são os necessários antecedentes de um efeito, tratar de suprir-lhe a falta; semelhantemente, se as condições forem tais que produzam indesejáveis efeitos, poderemos eliminar algumas das causas supérfluas e com isso poupar esforços. (DEWEY, 1959, p. 159)

Portanto, no meu entendimento, Dewey vê um objetivo, uma função em analisar as relações entre os atos e as conseqüências, talvez como uma maneira de otimizar a experiência, poupar esforços ou eliminar causas supérfluas. Ainda sobre o pensar, ele define: "pensar equivale, assim, a patentear, a tornar explícito o elemento inteligível de nossa experiência. Tornar possível o proceder-se tendo um fim em vista. É a condição para podermos ter objetivos." (DEWEY, 1959, p. 159). A experiência também pressupõe a significação daquilo que fizemos e sofremos e uma possível transformação do sujeito da experiência.

Em seu texto *Tendo uma experiência*, único capítulo traduzido para o português de seu livro *Arte como experiência*, Dewey afirma que somos rodeados por experiências o tempo todo e estas fazem parte da vida. Mas o indivíduo tem uma experiência quando "o material experienciado segue seu curso até sua realização." (DEWEY, 1985) sendo que essa realização é uma consumação e não uma cessação. Portanto ele qualifica a experiência, ressaltando que ela é completa em si mesma, distinta do que sucedeu antes com indivíduo e do que veio depois. Isso não quer dizer que para ter a experiência não se leva em conta as outras experiências do sujeito, mas eu entendo que é como se a tal experiência ficasse suspensa, se destacasse na vida do indivíduo. Os aspectos intelectuais e emocionais estão intrínsecos na experiência, de modo que não é possível classificar e separar esses aspectos, pois são integrais.

Jorge Larrosa, pesquisador espanhol da Universidade de Barcelona, também se atém a essa palavra. Em uma palestra realizada no Instituto de Artes da Unesp, no dia 05 de julho de 2007, Larrosa introduz a conversa dizendo que a palavra experiência está contaminada pela palavra experimento e pela idéia do empírico. Está também contaminada pela palavra prática, com a idéia de pragmatismo e trabalho, então é necessário

desvincular a palavra experiência dessas duas contaminações.

A idéia da experiência passa por aquilo que *me* acontece. Tendo em *aquilo* um princípio de exterioridade e de alteridade, sendo que o prefixo *al* nos remete ao outro, por isso a impossibilidade da apropriação, pois está ligada ao acontecimento, portanto a experiência se dá pelo encontro.

O *me* de aquilo que me acontece sugere a reflexividade, a subjetividade e a transformação. A experiência está sempre relacionada à vida e para cada qual experiência a sua, ou seja, ela é única para cada um e por isso, para Larrosa, é impossível aprender da experiência dos outros, portanto para aprender não se pode poupar a experiência.

Em seu texto *Experiência e Paixão*, Larrosa define: “a experiência é o que nos passa, ou o que nos acontece, ou o que nos toca. Não o que passa ou o que acontece, ou o que toca, mas o que nos passa, o que nos acontece ou nos toca.” (LARROSA, 2004. P. 154). Ou seja, o sujeito está incluso nesse processo, eu, ele, nós.

Larrosa, neste texto, indica alguns elementos que impedem a experiência de acontecer, elementos esses que nos fazem pensar que passamos por uma experiência, mas que na verdade foi algo supérfluo, sem significado, ou pela falta ou pelo excesso. Aponta o excesso de informação existente na sociedade contemporânea como uma antiexperiência, pois “uma sociedade constituída sob o signo da informação é uma sociedade em que a experiência é impossível.” (LARROSA, 2004 p. 155)

Dewey também critica a questão da informação. Considerando que o ato de pensar é uma experiência, o autor afirma que:

*Pensar* sobre as notícias que nos chegam é tentar ver o resultado provável ou possível sugerido por elas. Converter nossas cabeças em livros de pregar recortes de jornais, enchendo-as com estas ou aquelas informações, considerando-as como coisas completas por si mesmas, não é pensar. É transformar-se em máquinas registradoras. (DEWEY, 1959, p. 160)

Voltando a Larrosa, outro impeditivo de uma experiência que ele cita é o excesso de opinião, pois o sujeito deve ser bem informado e ter uma opinião pessoal sobre tudo que o cerca, como se a informação e a opinião se tornasse algo obrigatório e até sacralizado que não abre portas e espaços para a experiência. Além disso, tem a questão da falta de tempo. “A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impede sua

conexão significativa.” (LARROSA, 2004 p. 157)

O excesso de trabalho também torna a experiência mais rara, segundo Larrosa, pois para ele muitas vezes confundimos experiência com trabalho.

Minha tese não é somente que a experiência não tem nada a ver com o trabalho, senão mais ainda, que o trabalho, essa modalidade de relação com as pessoas, com as palavras e com as coisas que chamamos trabalho, é também inimiga mortal da experiência. (LARROSA, 2004 p. 159)

John Dewey aponta no geral o que pode impedir que uma experiência aconteça:

A experiência é limitada por todas as causas que interferem com a percepção das relações entre o sofrer e o fazer. Pode haver interferência por causa do excesso do ponto de vista do fazer ou de excesso do lado da receptividade, do padecer. (...) O zelo pelo fazer, o anelo [anseio] pelo agir, deixam muitas pessoas, especialmente neste apressado e impaciente ambiente humano em que vivemos, com experiências de pequenez inacreditável, inteiramente superficiais. (DEWEY, 1985 p. 90)

Observamos, portanto que ambos os autores apontam fatores semelhantes que podem impedir que uma experiência aconteça de maneira significativa e completa.

Agora vamos falar sobre o sujeito da experiência. O que torna o sujeito, sujeito da experiência? Vimos que quando Larrosa define a experiência inclui o sujeito na própria construção da oração e se inclui como sujeito “Aquilo que me passa” ou “aquilo que nos passa”, sem distinguir sujeito de objeto, ambos estão presentes na definição. O sujeito da experiência pode ser tanto como um território de passagem como um ponto de chegada. Dewey não traz explicitamente as características do sujeito da experiência, mas é possível detectar algumas indicações sobre como o sujeito procede em uma experiência. Em *Experiência e Pensamento* ele afirma:

Tudo o que o homem mais sábio pode fazer é observar o que está ocorrendo com mais amplitude e minudência, e em seguida selecionar com mais cuidado, daquilo que notou, precisamente aqueles fatores que indicam alguma coisa a acontecer. (DEWEY, 1959, p. 159)

Em relação à passividade do sujeito, como está no início do texto, Dewey coloca a experiência como algo ativo e passivo, bem como o sujeito tendo de buscar um equilíbrio entre a passividade e a ação. Assim como

Larrosa, utiliza a palavra *padecer*, mas quando se refere ao *padecer* e à *passividade*, esclarece que o simples *padecer* não constitui a *experiência*, assim como a simples *atividade*. Vemos então que Larrosa define esse *sujeito*

(...) não tanto por sua *atividade*, como por sua *passividade*, por sua *receptividade*, por sua *disponibilidade*, por sua *abertura*. Trata-se porém de uma *passividade* anterior a *oposição* entre *ativo* e *passivo*, de uma *passividade* feita de *paixão*, de *padecimento*, de *paciência*, de *atenção*, como uma *receptividade* primeira, como uma *disponibilidade* fundamental, como uma *abertura* essencial. (LARROSA, 2004 p. 161)

Neste ponto Larrosa coloca a *passividade* como um pressuposto para que o *sujeito* tenha a sua *experiência*.

Ainda sobre o *sujeito* da *experiência*, Dewey coloca a questão da *contradição* entre a *participação* pessoal do *sujeito* e a *imparcialidade* na *resolução* de alguma *situação*. Tal *resolução*, como já foi citado, é o *objetivo* da *experiência*. O autor admite que a *participação* do *sujeito* nas *conseqüências* da *experiência* é *inevitável*, mas defende que “gerado na *parcialidade* para que possa realizar o seu *trabalho*, ele deve conseguir uma certa *imparcialidade* indiferente.”(DEWEY, 1959, p. 161), acreditando que essa *imparcialidade* ocorra ao longo do tempo.

Em seu texto *Tendo uma experiência*, quando se refere à *percepção* *estética*, afirma: “Há um elemento de *paixão* em toda *percepção* *estética*. Mas, quando estamos dominados pela *paixão*, como no caso de *raiva* extrema, de *medo*, *ciúme*, a *experiência* é definitivamente não *estética*.” (DEWEY, 1985, p. 93)

Larrosa, entretanto, acredita que o *sujeito* é um ser *passional* e portanto,

Não se pode captar a *experiência* valendo-se de uma *lógica* da *ação*, valendo-se de uma *reflexão* do *sujeito* sobre si mesmo como *sujeito* agente, valendo-se de uma *teoria* das *condições* de *possibilidade* da *ação*, mas com base numa *lógica* da *paixão*, de uma *reflexão* do *sujeito* sobre si mesmo como *sujeito* *passional*. (LARROSA, 2004, p. 163).

Quando Larrosa se refere à *paixão*, coloca o que entende por *paixão*, ou o que a *paixão* pode ser. Para ele, a *paixão* pode se referir a um *sofrimento* ou *padecimento*, a uma certa *heteronomia*, à *experiência* do amor onde “o *sujeito* apaixonado não possui o *objeto* amado, mas é possuído por ele.” (LARROSA, 2004 p. 164)

Vemos que Dewey, no trecho citado acima, apenas coloca a *paixão*

como um conjunto de emoções exacerbadas, já Larrosa defende justamente a passionalidade do sujeito e define a paixão de maneira abrangente. Larrosa conclui que a experiência é uma paixão: “Se a experiência é o que nos acontece e se o sujeito da experiência é um território de passagem então a experiência é uma paixão.” (LARROSA, 2004, p. 163)

Nesse sentido, acredito que há a transformação do sujeito, mas não como um objetivo a ser atingido. Também acho que a experiência tem condições para acontecer. Quando Larrosa coloca a paixão e a passionalidade do sujeito na experiência, ele não descarta o aprender, mas coloca a paixão como condição para a experiência. A passionalidade do sujeito é inevitável no sentido semântico da palavra, algo que não podemos e não devemos evitar. Uma passionalidade que, além de se referir a um sujeito apaixonado pelo seu objeto, ou até tomado por ele, faz com que o sujeito se responsabilize por quem ele é e assuma a sua experiência e a sua transformação, por mais espinhosa, dolorida, prazerosa e apaixonante que possa ser.

Ao definir a experiência a ser narrada, o sujeito, de alguma forma, se vê tocado pelo que passou, mas ao passar pela experiência de si, ou seja, a experiência de narrar-se, de analisar-se, refletir-se, desconstruir-se, ele se vê transformado e aberto a novas experiências.

Após a concretização do narrar-se, no meu trabalho, houve o processo da interpretação e da problematização da experiência. Foi o momento da dor, da desconstrução, da desilusão por um lado e da reafirmação e satisfação por outro lado, pois foi o momento de confrontar os fatos, ler, se ler, olhar de frente para si, para dentro, para as dificuldades, para as frustrações, para as pequenas vitórias que se sobressaíram à sensação de ser vencida. Foi o momento também de maturação. Maturação de idéias, de ideais e de atitudes. Um momento necessário para que minha experiência se concretizasse, ou melhor, que fosse consumada através de muitas culminâncias ao longo do processo. Cessar, jamais.

Mas, em que medida, na área da educação, a experiência de si pode favorecer a formação docente?

Quando um professor decide narrar-se, não é só de si que ele está falando. Ele conta sobre o seu dia a dia e acaba contando sobre o dia a dia de uma escola, de uma sala de aula, num ato quase que obscuro, pois fala da intimidade, de uma intimidade que não é falada em grupos de formação e

reuniões pedagógicas. Uma intimidade que dificilmente falamos para nós mesmos e quando falamos temos a sensação de vergonha, absurdo e autopunição. Quando mostramos essa intimidade e temos a coragem e a maturidade para analisá-la e pensar sobre, talvez cheguemos ao ponto da transformação.

Segundo Larrosa: “É contando histórias, nossas próprias histórias, o que nos acontece e o sentido que damos ao que nos acontece, que nos damos a nós próprios uma identidade no tempo.” (LARROSA, 1994, p. 69)

Portanto, ao compartilharmos nossas experiências, além da construção de nossa identidade, estamos construindo uma identidade coletiva. Aprendemos sim das experiências dos outros, mas nos transformamos com nossas próprias experiências, nos responsabilizando por elas.

#### **Referências Bibliográficas:**

DEWEY, John. **Tendo uma experiência**, in *Experiência e natureza; Lógica e a teoria da investigação; arte como experiência; vida e educação; teoria da vida moral*. Traduções de Murilo Otávio Paes Leme, Anísio Teixeira, Leônidas Gontijo de carvalho. 2ª Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Os Pensadores.

DEWEY, John. Experiência e pensamento. In:\_\_\_\_\_. **Democracia e Educação**: Introdução à filosofia da educação. 3ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e a Educação. In: **O sujeito da educação** – estudos foucaultianos. Org. Tomaz Tadeu Silva. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1995.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.